

**FACULDADE NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ – FACENE/RN
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO ACADÊMICA – NUPEA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

JESSIARA ROMONIELLY FERREIRA MAGALHÃES

**VULNERABILIDADE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS
EM DIVERSOS GRUPOS SOCIAIS**

MOSSORÓ/RN

2020

JESSIARA ROMONIELLY FERREIRA MAGALHÃES

**VULNERABILIDADE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM
DIVERSOS GRUPOS SOCIAIS**

Monografia apresentada à Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN – como requisito obrigatório para obtenção do título/do grau de bacharel em Enfermagem.

ORIENTADOR: Esp. Evilamilton Gomes de Paula

MOSSORÓ/RN

2020

Faculdade Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant'Ana.

M188v Magalhães, Jessiara Romonielly Ferreira.
Vulnerabilidade às infecções sexualmente
transmissíveis em diversos grupos sociais / Jessiara
Romonielly Ferreira Magalhães. – Mossoró, 2020.
44 f. : il.

Orientador: Prof. Esp. Evilamilton Gomes de Paula.
Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade
Nova Esperança de Mossoró.

1. Doenças sexualmente transmissíveis. 2. Populações
vulneráveis. 3. Sexo seguro. I. Paula, Evilamilton Gomes de.
II. Título.

CDU 616.97

JESSIARA ROMONIELLY FERREIRA MAGALHÃES

**VULNERABILIDADE ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM
DIVERSOS GRUPOS SOCIAIS**

Monografia apresentada à Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN – como requisito obrigatório para obtenção do título/do grau de bacharel em Enfermagem.

Aprovado em 03 / 12 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Evilamilton Gomes de Paula

Prof. Esp. Evilamilton Gomes de Paula (FACENE/RN)

Orientador

Lívia Helena Morais de Freitas Melo

Prof.^a Me. Lívia Helena Morais de Freitas Melo (FACENE/RN)

Membro

Fabíola Chaves Fontoura

Prof.^a Dra. Fabíola Chaves Fontoura (FACENE/RN)

Membro

Dedico esse trabalho a todos aqueles que descreditaram dos meus sonhos, pelas vezes que tentaram frustrar minhas conquistas e rebaixar minhas vitórias. Caso não fosse a vontade de provar que estavam errados, talvez eu tivesse desistido no primeiro obstáculo que me foi imposto.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela fé e perseverança para concluir mais esta jornada, mesmo quando todos falavam o inverso.

Agradecimentos à minha família pelo apoio em cada fase e, principalmente, por ter abraçado este sonho junto comigo. Em especial, aos meus pais: Nazareno Magalhães e mãe Maria Genivan, me dando todo o apoio e suporte necessário para vencer os desafios e concretizar os meus objetivos e por acreditarem em mim. Agradecimentos também para minha irmã Jessica Magalhães, dedico essa vitória que é nossa. Pois, sempre me apoiou, abdicando, muitas vezes, dos seus sonhos em razão dos meus e se alegrando com as minhas conquistas.

Agradeço à minha avó Maria Alaíde, que sempre acreditou em mim e nunca mediu esforços para me ajudar. Agradeço (*in memoriam*) aos meus avós Aldenor Magalhães, Margarida Lima e Jaime Lima, que mesmo sem saber foi o maior motivador de eu cursar a faculdade de enfermagem e sei que me olham de onde estiverem e se alegram com minhas vitórias e conquistas.

Por conseguinte, agradecimentos aos meus amigos, sem exceção. Àqueles que estiveram ao meu lado, me motivando, para que sempre pudesse dar o meu melhor. Larissa Jordana e Lavínya Alves, provenientes dos tempos de IFRN, que se fazem presente até hoje. Aos amigos que a universidade me proporcionou: Barbara Chaves; Gemima Costa; Raimunda Luiza; Ozaniel Mesquita; Georgia Morais e Laysa Costa. Obrigada por todo o companheirismo, por partilharem as dificuldades e realizações ao longo desses quatro anos de graduação.

Por fim, agradeço aos professores que cruzaram minha jornada acadêmica: em especial, Galba Falcão (IFRN) e a Profa. Me. Livia Helena que acreditaram em mim, incondicionalmente e me ajudaram em momentos em que até eu mesma duvidei de mim; ao meu orientador prof. esp. Evilamilton Gomes; profa. Dr. Fabiola Fontoura; Jessica Costa; Edilson Fernandes; Cindy Lira e Gívilla Mendonça. Em síntese, agradecimentos à universidade pelo ensino técnico-científico e docentes de qualidade, com práticas de intervenção em saúde.

“Curar quando possível, aliviar quando necessário, consolar sempre.”

Hipócrates 470 e 360 a.C.

RESUMO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis são causadas por inúmeros agentes etiológicos, geralmente transmitidas pelo sexo anal, oral ou vaginal desprotegido, e se não diagnosticadas precocemente e tratadas, podem trazer danos irreversíveis a saúde como, por exemplo, dor pélvica crônica, gravidez ectópica, câncer do colo do útero e ainda ser um fator de risco para a contaminação pelo vírus do HIV. O objetivo geral do estudo foi identificar o grupo mais vulnerável a adquirir uma IST. No que se refere aos aspectos metodológicos, o presente estudo tratou-se de uma revisão bibliográfica do tipo integrativa, realizada nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), através dos seguintes descritores: doenças sexualmente transmissíveis; populações vulneráveis; sexo seguro. Foram utilizados materiais referentes aos anos de 2015 a 2020, com público alvo de homens, mulheres, adolescentes, crianças e idosos. Esta pesquisa se propôs a esboçar a partir da literatura científica, a suscetibilidade de grupos sociais à exposição de Infecções Sexualmente Transmissíveis, quantificar os trabalhos científicos voltados para a temática, identificar os grupos sociais mais vulneráveis para as Infecções Sexualmente Transmissíveis e discutir os aspectos que condicionam determinados grupos sociais à suscetibilidade a tais Infecções. Para tanto, foram utilizados os seguintes autores: Pinto *et al* (2018); Naves *et al* (2008) Bandeira *et al* (2015) Faria *et al* (2018), entre outros. O estudo discute sobre seus conceitos, agentes etiológicos, formas de tratamento e sobre a abordagem do profissional de enfermagem para com esses portadores. O estudo teve como resultado no corpus amostral selecionado, o grupo dos homens como sendo o mais vulneráveis a aquisição de uma IST, isso por causa do modo como ele se relaciona, muitas vezes não fazendo o uso do preservativo nas suas relações sexuais, relações com múltiplos parceiros entre outros. Espera-se contribuir para futuras discussões e projetos sobre IST nos diversos acervos bibliográficos de saúde.

DESCRITORES: Doenças Sexualmente Transmissíveis. Populações Vulneráveis. Sexo seguro.

ABSTRACT

Sexually transmitted infections are caused by several etiological agents, usually transmitted by anal, oral or vaginal unprotected sex, and if not diagnosed and treated early, it can cause irreversible damage to health, such as chronic pelvic pain, ectopic pregnancy, cervical cancer and still be a risk factor for the HIV virus contamination. The main objective in this study is to identify the most vulnerable groups in getting STI. Regarding the methodological aspects, the current study is about a bibliographic review of integrative type carried out in the following databases: LILACS and Scielo, through the following keywords: sexually transmitted infections, vulnerable population, safe sex. Materials referring to the years 2015 to 2020 were used, with target audience of men, women, teenagers, children and elderly. The current research proposed to outline from scientific literature, the susceptibility of social groups exposed to sexually transmitted infection, to quantify the scientific works focused on the thematic, to identify the social groups more vulnerable to sexually transmitted infections and to discuss the aspects that condition certain social groups to the susceptibility to such infections. Therefore, the following authors were used: Pinto *et al* (2018); Naves *et al* (2008); Bandeira *et al* (2015) Faria *et al* (2018), among others. This research discusses about its concepts, etiological agents, treatment ways and nursing professional approach for such carriers. The study had as result on selected sample corpus, the men group as being the most vulnerable group to the STI acquisition, this is due to the way they often make sex without using condoms in their sexual relations, or make sex with multiple partners and so on. It is expected to contribute to future discussions and projects about STI in the most diverse bibliographic collection on health.

KEYWORDS: Sexually Transmitted Infections. Vulnerable Population, Safe Sex.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
DIAHV	Departamento de Vigilância Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais
DST	Doença Sexualmente Transmissível
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
SciELO	<i>Scientific Eletronic Library Online</i>
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
SUS	Serviço Único de Saúde
TARV	Terapia Antirretroviral
UBS	Unidade Básica de Saúde
APS	Atenção Primária à saúde

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma do paciente possível portador de IST.....	16
Figura 2 - Fluxograma para a composição da amostra do estudo.....	19
Quadro 1 - Descrição dos Artigos quanto ao número, ano de publicação, título, periódico de publicação e base de dados.....	20
Gráfico 1 - População Vulnerável às IST (LILACS).....	22
Gráfico 2 - População Vulnerável às IST (SciELO)	26
Gráfico 3 - População Vulnerável às IST	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.....	12
2.2 DADOS EPIDEMIOLÓGICOS.....	12
2.3 ETIOLOGIA DAS PRINCIPAIS IST.....	13
2.4 DIAGNÓSTICO DAS PRINCIPAIS IST	14
2.5 TRATAMENTO DAS PRINCIPAIS IST.....	15
2.6 ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM	15
3 MATERIAL E MÉTODOS	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	20
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35

1 INTRODUÇÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (doravante IST) são um problema de saúde pública desde o início da civilização humana, em que a maioria dessas infecções acometem homens e mulheres em idade reprodutiva e com maior incidência naqueles que possuem vida sexual ativa (OMS, 2019).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019), as IST são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, podendo se apresentar de forma sintomática ou assintomática. Nos casos em que os sintomas se manifestam, podem se apresentar por meio de corrimentos, bolhas, feridas ou verrugas. Na maioria das vezes, a transmissão ocorre por contato sexual desprotegido (seja sexo oral, vaginal ou anal), bem como há incidências também da transmissão de forma vertical – quando ocorre o contágio da mãe grávida para o feto ou através da contaminação por resíduos biológicos de pessoas contaminadas.

No que se refere à nomenclatura, de acordo com Vaz (2019), o termo IST passou a ser utilizado a partir de 2016, através do Decreto nº 8.901 de 10 de novembro de 2016, pelo Governo Federal. Anteriormente ao decreto, a definição era Doença Sexualmente Transmissível (DST). Todavia, segundo o Departamento de Vigilância Prevenção e Controle das IST, o referido “D”, cujo se referia à doença, fazia com o infectado só fosse considerado portador de uma DST caso apresentasse sinais e sintomas clínicos.

Diferentemente do cenário atual, a adoção do termo IST compreende que o portador, mesmo sem apresentar sinais e sintomas clínicos, é considerado patológico. A infecção, nesse sentido, pode ser transmitida para outras pessoas e é passível de diagnóstico e tratamento (VAZ, 2019).

Atualmente, o número de IST vem crescendo desenfreadamente nos últimos anos. São registrados, a cada dia, cerca de 1 milhão de novos casos no mundo e estima-se que uma em cada 25 pessoas tem algum tipo de IST (OMS, 2019). As IST, portanto, apresentam um impacto profundo na saúde das crianças e dos adultos do mundo todo. Se não forem tratadas precocemente, podem acarretar efeitos crônicos e graves à saúde, tais como: doenças neurológicas e cardíacas; infertilidade; natimortos; gravidez ectópica; assim como o aumento do risco de contágio da Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

As IST são permeadas por preconceitos e, muitas das vezes, o paciente leva tempo ou se nega a procurar ajuda médica. Os estigmas sociais, medo, preconceito e/ou vergonha, são causadores desse diagnóstico tardio.

Essas infecções também podem se apresentar de forma assintomática, fazendo com que a maioria dos casos fique subnotificados e impossibilitando o registro no sistema de notificações compulsórias (BASTOS *et al*, 2008).

Essas infecções geralmente são associadas a níveis significativos de estigmas e violência doméstica. Além de a Sífilis ter sido responsável por cerca de 200 mil natimortos e óbitos de recém-nascidos em 2016, tornando-se assim uma das principais causas de perdas de bebês no mundo todo (OMS, 2019).

Entende-se então que as IST se apresentam como um problema de saúde pública por serem doenças contagiosas por meio de práticas sexuais, que afetam as pessoas em diferentes idades e condições de vida, além de gestantes causando problemas na gravidez e parto, e sequelas crônicas, neurológicas e cardíacas. (MARTINS *et al*, 2006).

O perfil epidemiológico para IST tem sofrido alterações no seu perfil ao longo dos anos, nos últimos anos a um número alto de infecções causadas por relações heterossexuais acometendo principalmente mulheres (SAMPAIO *et al*, 2011).

De acordo com Bezerra *et al* (2012), o número de pessoas portadoras de Aids aumentou consideravelmente em relações heterossexuais, bissexuais e usuários de drogas injetáveis com faixa etária entre 13 e 24 anos, onde aumentou o número de contaminação em mulheres. As mulheres se apresentam em grupo de risco e vulnerabilidade por estereótipos sociais, biológicos, econômicos e mulheres que mantem relação sexual estável como parceiro, mas não faz uso de preservativos.

O número de notificação por AIDS houve um aumento nas regiões Nordeste, Norte, e Centro-Oeste nos últimos anos, mesmo com todos os avanços científicos para controle dessa patologia. Ela ainda se apresenta como um problema preocupante para a saúde do Brasil e do mundo, haja vista que a mesma não tem cura, apenas tratamento e controle de sua carga viral (BEZERRA *et al*, 2012).

Ainda de acordo com Sampaio *et al* (2011), o número de IST em mulheres vem se tornando cada vez maior, onde a responsabilidade de cuidar-se recai toda sobre as mulheres, além da aceitação da mulher em praticar sexo sem o uso de preservativo advindo da recusa do parceiro em usar o método de barreira de proteção e as

subnotificações que possam existir entre homens, observando que eles procuram menos que as mulheres os postos de atenção primária a saúde.

Diante da importância da temática e considerando-se a importância das ações das equipes de saúde e especialmente da enfermagem nesse cenário, surge o seguinte questionamento: Quais grupos sociais que estão mais vulneráveis a adquirirem IST?

A relevância desse trabalho consiste na contundência da temática e na possibilidade de se ampliar as discussões, especialmente no meio acadêmico e a partir disso, suscitar a criação de estratégias que possibilitem o enfrentamento de tais doenças, especialmente sob o viés da prevenção.

O trabalho surgiu do interesse e da necessidade de buscar sobre os dados referentes à IST nas principais plataformas digitais relacionadas ao tema em questão, a fim de compreender de forma mais específica sobre essas infecções, bem como seus impactos sociais, culturais e econômicos na vida de pessoas acometidas por alguma delas.

Diante do exposto, como acadêmica do curso de Enfermagem, notou-se a necessidade de discutir à luz da literatura, a vulnerabilidade de grupos sociais susceptíveis a aquisição de IST, a partir das principais bases de dados nacionais.

Através do que foi dito anteriormente, há a possibilidade do número de trabalhos divulgados sobre IST não representarem de forma fidedigna a real situação do Brasil quanto à prevalência de tais infecções, todavia espera-se que a literatura proporcione o delineamento dos grupos mais susceptíveis.

Espera-se através deste trabalho identificar os grupos mais vulneráveis para se adquirir alguma IST, e dentro desses grupos, por conhecimentos adquiridos anteriormente em sala de aula e leitura previa sobre o assunto, acredita-se que as mulheres jovens sejam as mais vulneráveis.

O estudo tem como objetivo, identificar a partir da literatura científica quais os grupos sociais mais vulneráveis para adquirir as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Segundo Pinto *et al* (2018), o principal problema para o número elevado de IST é a falta de informação, o início da vida sexual de forma precoce, a falta de diagnóstico e tratamento precoce dessas infecções, o número de múltiplas Infecções de uma vez e a falta de orientações para mulheres que procuram o serviço básico de saúde para a prevenção e tratamento das Infecções.

As IST possuem grande impacto na vida sexual das pessoas, sejam elas associadas a alguma patologia como, por exemplo, dor pélvica crônica, gravidez ectópica, câncer do colo do útero, como ainda pode interferir na autoestima das pessoas que sofrem dessas infecções. As IST se tornaram um caso mais complicado de saúde pública quando foi comprovado através de estudos científicos que seus portadores são um fator de risco para a contaminação pelo vírus do HIV (MARTINS *et al*, 2006).

Outros fatores preocupantes e que trazem consequências graves de saúde, agravos das patologias pré-existentes ou até mesmo causar danos irreversíveis a saúde do paciente, é a automedicação, levando sofrimento desnecessário, exposição a fármacos potencialmente fortes, como os antibióticos, podendo não impedir a cadeia de transmissão do patógeno, levando ao aumentando dos efeitos adversos dos fármacos, e podendo trazer ao efeito rebote, com aumento da taxa de internação hospitalar e até mesmo causar a morte dos pacientes (NAVES *et al*, 2008).

2.2 DADOS EPIDEMIOLÓGICOS

Anualmente, o Ministério da Saúde libera Boletins Epidemiológicos de diversas doenças no Brasil, e esses dados foram utilizados como base para compreender a situação de algumas IST no país. Segundo o Boletim Epidemiológico da Sífilis (2019), somente no ano de 2018 o número de pessoas infectadas por essa infecção foi de 158.051 pessoas, onde a Região Sudeste do país apresentou 45,5% dos casos nacionais e a região nordeste apresentou 12,9% dos casos no Brasil. Ainda, os casos

de Sífilis em gestantes chegaram a 62.599 casos, além de 241 óbitos decorrentes dessa IST.

Já no Boletim Epidemiológico do HIV/Aids, foram notificados 300.496 novos casos de infecção por o HIV no Brasil, sendo a região sudeste com o maior índices de novos casos com 45,6% da população brasileira, que corresponde a 136,902 de casos no Brasil e o nordeste com o índice de 18% que corresponde a 55.090 novos casos no Brasil (BRASIL, 2019).

Esse Boletim fala ainda sobre como os casos entre gestantes tendeu a aumentar levemente entre 2008 e 2018, com destaque principalmente para os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, apresentando os maiores índices do país (BRASIL, 2019).

Quanto às Hepatites virais no Brasil, no ano de 2018 foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) 632.814 casos confirmados de hepatites virais. Destes, as Hepatites A compreendem 167.108 mil novos casos que corresponde cerca de (26,4%) dos casos de hepatite no Brasil. A hepatite B há um registro de 233.027 mil novos casos, e corresponde cerca de (36,8%) dos casos de hepatite no Brasil. Na Hepatite C há o número de 228.695 mil novos casos confirmados que corresponde cerca de (36,1%) dos casos de hepatite no Brasil. Já nas hepatites D são notificados 3.984 mil novos casos, que corresponde cerca de (0,7%) dos casos de hepatite no Brasil.

Das Hepatites virais a região Nordeste tem a maior taxa de contaminação por o vírus da hepatite A que corresponde a (30,3%) dos casos de contaminação por hepatite. Além dessas IST mais conhecidas, há outras que se apresentam também como problemas de saúde pública, como Clamídia, Gonorreia e Tricomoníase que, segundo a OMS (2019), em 2016 houve 127 milhões de novos casos de Clamídia entre mulheres e homens de 15 a 49 anos de idade em todo o mundo, além de 87 milhões de casos de Gonorreia, 156 milhões de casos de Tricomoníase e 6,3 milhões de Sífilis.

2.3 ETIOLOGIA DAS PRINCIPAIS IST

Segundo Pinto (2016), a (*acquired immunodeficiency syndrome*) Aids é causada pelo vírus (*Human Immunodeficiency Virus*) HIV, sendo um vírus citopático e

citotóxico que possui altos níveis de expressão genética viral e resulta geralmente em mortes das células infectadas. Já a Sífilis, de acordo com Ferreira *et al* (2018), é causada pelo agente etiológico *Treponema pallidum* – bactéria que possui forma espiral e faz parte do grupo das espiroquetas.

As hepatites são infecções causadas por diferentes agentes etiológicos devido às suas diferentes formas da doença, mas que em geral são causadas por vírus (BANDEIRA *et al*, 2015). A Clamídia é causada pela bactéria *Chlamydia trachomatis* (FARIA *et al*, 2018); a Gonorreia é causada pela bactéria *Neisseria gonorrhoea*, que foi descrita por Neisser em 1879 mostrando ser uma das IST mais antigas e conhecida do mundo (DEMETRI, 2018); já a Tricomoníase é causada pelo protozoário *Trichomonas vaginalis*, sendo considerada a IST não viral mais comum no planeta (PEREIRA; TARSO, 2018).

2.4 DIAGNÓSTICO DAS PRINCIPAIS IST

As IST causam grande impacto na vida das pessoas e podem trazer complicações ainda mais severas em mulheres, como gravidez ectópica, infertilidade, dor pélvica crônica, doenças neurológicas e cardiovasculares, além da vulnerabilidade de se adquirir HIV/Aids, por isso o diagnóstico para essas IST são de suma importância para o tratamento e cura dessas patologias (NUNES, 2017).

O diagnóstico das IST se dá através de exames laboratoriais, exame de Papanicolau, testes rápidos, exame físico e anamnese do paciente. O Ministério da Saúde disponibiliza hoje no Serviço Único de Saúde (SUS) os testes rápidos para o diagnóstico de HIV, sífilis e hepatites virais B e C (BRASIL, 2013).

O diagnóstico das IST tornam-se mais difíceis devido às suas múltiplas apresentações clínicas e seus sinais e sintomas parecidos entre o grupo das IST (MS, 2013), tornando-se assim uma preocupação para os profissionais da atenção primária, pois além de serem doenças que podem trazer agravos a saúde, ainda são permeadas de preconceitos e estigmas sociais (BASTOS *et al*, 2008).

2.5 TRATAMENTO DAS PRINCIPAIS IST

O tratamento das IST passa por uma série de preconceitos, de discriminações e de desafios para realizar e concluir os tratamentos para sua patologia, colocando em evidência a IST que mais sofre preconceito, a Aids, tanto por parte da sociedade como por parte do próprio portador da doença (SILVA; LOPES, 2019).

O tratamento para Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) é feito através da Terapia Antirretroviral (TARV), que consiste na redução da sua carga viral, impedindo as multiplicações das células do HIV, tentando levar uma vida saudável e mais próxima do normal possível (SEIDL *et al*, 2007).

Os tratamentos para as hepatites virais são feitos através de fármacos usando a terapia antiviral, onde geralmente é feito por associação de fármacos como Alfapeginterferona e Ribavirina juntamente com inibidores de protease NS3/4A (Telaprevir e Boceprevir) (SILVA *et al*, 2015).

No tratamento para as IST como Clamídia, Gonorreia e Tricomoníase, recomenda-se evitar relação sexual durante o período de tratamento para sua maior eficácia. O tratamento dura em média de sete a 14 dias, sendo as bactérias o seu agente etiológico. Na Clamídia, o tratamento é feito através de Ceftriaxona ou Cefotaxima, já na Gonorreia o tratamento é feito por meio de Azitromicina, Doxiciclina, Eritromicina ou Amoxicilina; e na Tricomoníase, o tratamento é feito por meio de Metronidazol, Tinidazol ou Secnidazol (BRASIL, 2016).

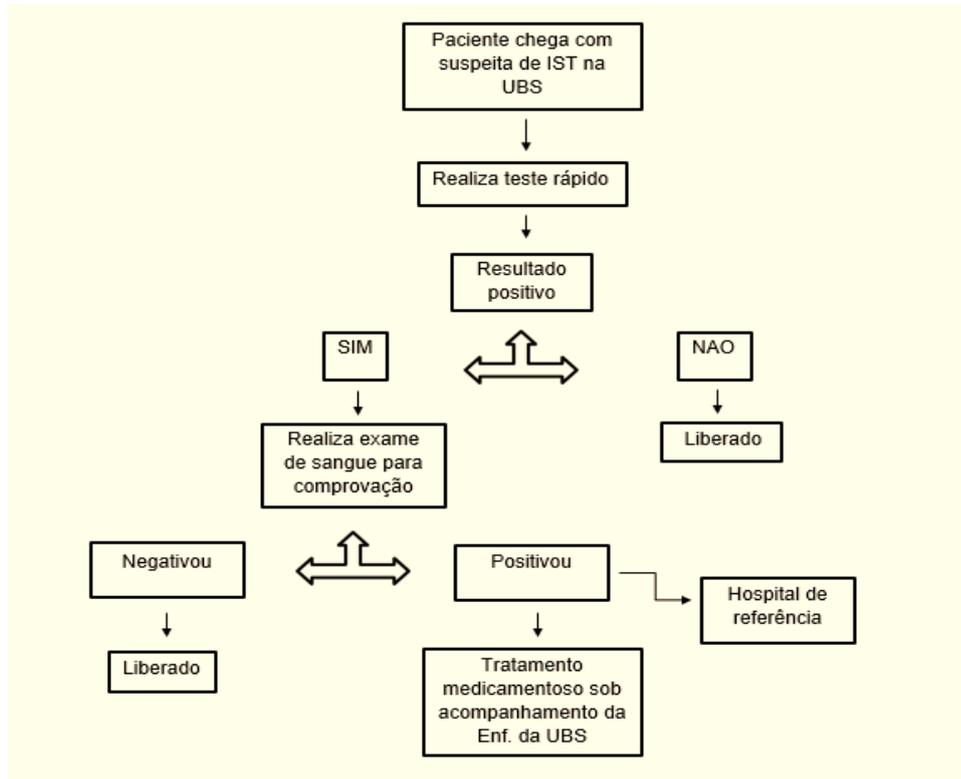
2.6 ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM

Um dos pilares para o enfrentamento da IST é a Unidade Básica de Saúde (UBS), onde a população deve procurar o serviço para o diagnóstico e o tratamento das infecções (BRASIL, 2016). A seguir, encontra-se um fluxograma, na figura 1, do caminho percorrido pelo paciente até o diagnóstico da patologia.

O paciente ao chegar na UBS com suspeitas sugestivos para IST, ele realiza testes rápido, em específico para as seguintes IST: HIV, sífilis, e hepatite B e C. Após realizar o teste rápido, se o resultado do teste der negativo, o paciente é liberado, já se der o resultado positivo para a IST, é solicitado um exame de sangue para a comprovação da IST, se o resultado de sangue descartar a IST, o paciente é liberado, se o exame de sangue comprovar a IST, o paciente pode ficar em acompanhamento

com a enfermeira (o) da UBS até receber alta do tratamento ou em outros casos como o HIV, os pacientes são encaminhados para hospital de referência (BRASIL, 2006). Conforme descrito na figura 1 abaixo

Figura 1– Fluxograma do paciente possível portador de IST



Fonte: Elaboração própria (2020)

O acesso do usuário com IST ao serviço de atenção primária à saúde (doravante APS) ainda é marcado por uma procura mínima que pode estar relacionada a estigmas e discriminações. A existência do receio na procura por serviços próximos aos seus locais de residência ou o medo de serem identificados e encontrarem pessoas conhecidas reduzem a procura pelo serviço. A busca ocorre principalmente nos casos de sintomas sugestivos de IST em que é revelada ao profissional a situação de maneira particular. São necessárias estratégias que garantam o acesso do usuário com IST/HIV/AIDS pelo uso oportuno dos serviços para alcançar os melhores resultados possíveis. A política de fortalecimento das ações de aconselhamento na APS pode ser vista como oportunidade de identificação precoce e tratamento imediato das referidas infecções (BARBOSA *et al*, 2015).

As IST são permeadas por preconceitos sociais, culturais e econômicos, e que no atual cenário do Brasil, vem sendo um fator de dificuldade para os usuários procurarem o serviço de saúde (SMELTZER; BARE, 2006).

O profissional de saúde, sabendo de todas as dificuldades apresentadas acima até o usuário chegar a uma UBS, deve ser provido de sensibilidade para a primeira abordagem ao paciente, encoraja-lo a não desistir do tratamento, oferecer suporte psicológico para aqueles que tenham necessidades, e acompanhamento médico, se necessário. O profissional da enfermagem, além de ter conhecimento sobre as infecções, tem que ter boas estratégias para o enfrentamento da IST, também deve atuar na promoção, prevenção e qualidade de vida desses pacientes (PEREIRA, 2019).

O profissional da enfermagem deve fazer uso das estratégias da saúde da família para a prevenção das IST através de intervenções educativas, gerando assim um conforto cara a discursão de medidas de prevenção para as infecções. (PEREIRA, 2019).

3 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo feito em fontes secundárias por meio de revisão bibliográfica do tipo integrativa, com base em produções brasileiras. Para Souza *et al* (2010), a revisão integrativa, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado.

Ainda para Mendes *et al* (2008), a revisão integrativa inclui a análise de pesquisas relevantes que dão suporte para a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica, possibilitando a síntese do estado do conhecimento de um determinado assunto, além de apontar lacunas do conhecimento que precisam ser preenchidas com a realização de novos estudos.

Para consolidação desta revisão se percorreu as seguintes etapas: definição da temática e elaboração da pergunta norteadora: Quais grupos sociais que estão mais vulneráveis a adquirirem IST?

A busca foi realizada nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), por seus amplos acervos e qualidade dos materiais ofertados. As produções foram localizadas a partir dos seguintes descritores: Doenças Sexualmente Transmissíveis; Populações Vulneráveis; Sexo seguro. Foi necessário utilizar descritor Doenças Sexualmente Transmissíveis, já que ainda, no que concerne à nomenclatura conforme os descritores em ciências da saúde (DeCS), não foi atualizado esse descritor para Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Foram incluídas as produções publicadas na íntegra, entre os anos de 2015 a 2020, em língua portuguesa, localizadas nas bases de dados a partir dos descritores selecionados e que atenderam minimamente às expectativas da questão norteadora.

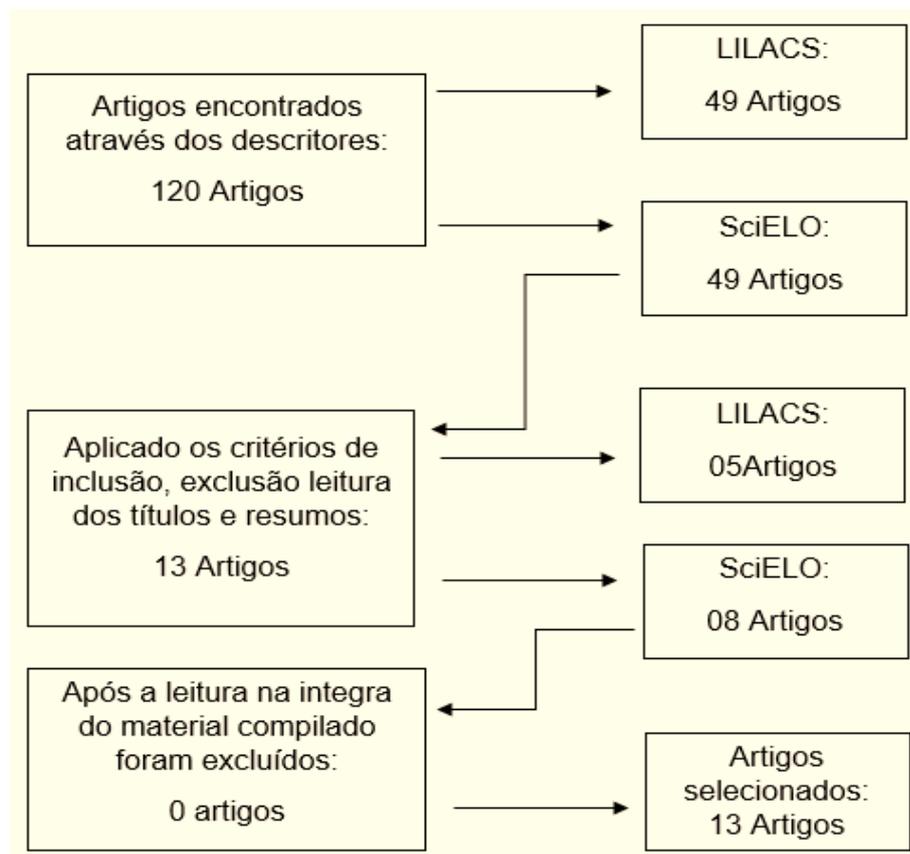
Foram excluídas teses, dissertações, cartas ao editor, editoriais e publicações repetidas devido a extensão desses trabalhos.

O material encontrado foi selecionado através da leitura dos títulos e resumos buscando-se a sua relevância para a composição da amostra. As produções eleitas foram organizadas em um quadro, com as seguintes variáveis: número do artigo, ano de publicação, título, periódico de publicação, base de dados e a partir de então, se fez a leitura, na íntegra de todo o material compilado, a fim de se extrair a pertinência

do seu conteúdo, que culminou com a análise e discussão dos achados, embasando-os com a literatura.

Para compor a população foram selecionados três descritores, que foram doenças sexualmente transmissíveis, populações vulneráveis e sexo seguro, a coleta dos dados se deu através das plataformas LILACS e SciELO para compor a população foram utilizados um descritor por vez em cada plataforma, ao final da pesquisa, na plataforma LILACS foram identificados 49 artigos sobre o tema pesquisado, após aplicar critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 5 artigos para compor a amostra. Já no SciELO foram identificados um montante de 71 artigos, após aplicar os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 8 artigos para compor a amostra, sendo a população composta por 120 artigos publicados entre o ano de 2015 a 2020 que tivesse relação com o tema, com a busca sendo realizada em títulos e resumos dos artigos e foram selecionados para a amostra do estudo 13 artigos que atenderam minimamente a questão norteadora do estudo e seus critérios de inclusão e exclusão.

Figura 2 – Fluxograma para a composição da amostra do estudo



Fonte: Elaboração própria (2020)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo será realizado a análise e discussões dos resultados encontrados mediante a coleta de artigos nas plataformas de dados LILACS e SciELO.

Considerados os critérios de inclusão e exclusão, bem como os descritores supracitados, as buscas nas bases de dados possibilitaram a compilação das produções conforme demonstrado a seguir no quadro 1. No intuito de identificar quais grupos mais vulneráveis a IST, optou-se por trazer os achados extraídos a partir da análise, organizando-os de acordo com a base de dados em que as produções foram localizadas, culminando-se com o consolidado dos resultados e a identificação do grupo mais vulnerável.

LILACS

Encontrados: 49

Úteis: 05

SCIELO

Encontrados: 71

Úteis: 08

Quadro 1 – Descrição dos Artigos quanto ao número, ano de publicação, título, periódico de publicação e base de dados

Nº Artigos	Ano de publicação	Título	Periódico de publicação	Base de dados
1	2020	Prevalência do uso do preservativo por trabalhadores da construção civil e fatores associados	Rev enferm UERJ	LILACS
2	2020	Práticas de cuidado com a saúde sexual de jovens universitárias	R.pesq.: cuid. fundam.	LILACS

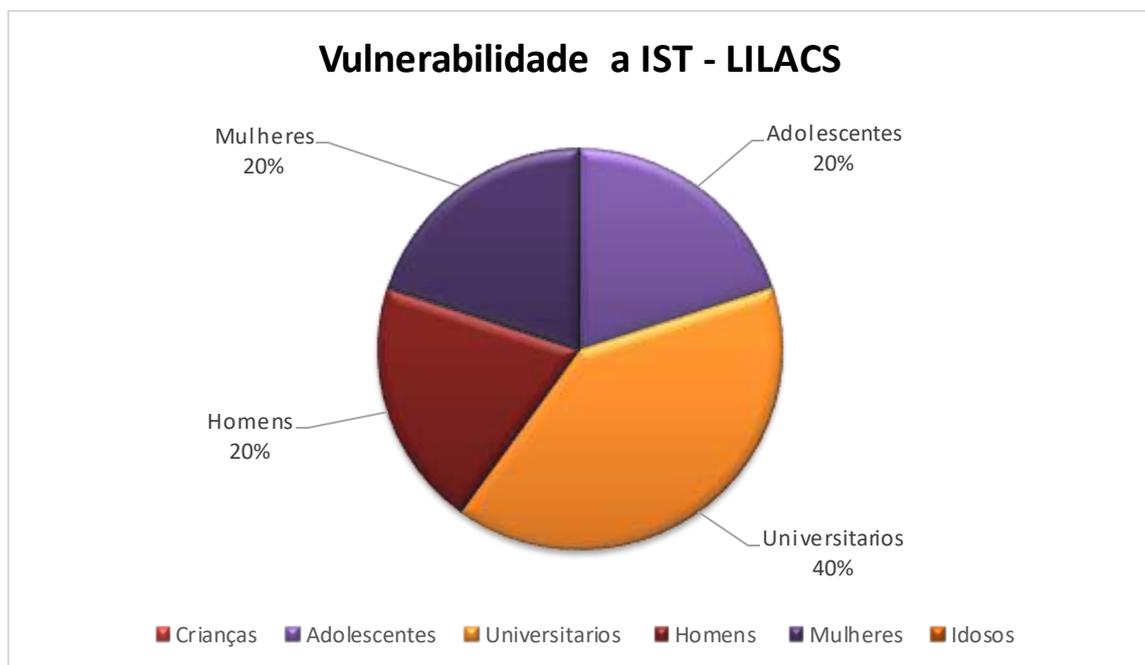
3	2020	Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa	Revista Nursing	LILACS
4	2020	Letramento funcional em saúde: sífilis em gestantes	Revista Nursing	LILACS
5	2020	Perfil sociodemográfico e econômico e Comportamento sexual de brasileiros e estrangeiros Recém-ingressos em uma universidade pública	R.pesq.: cuid. Fundam	LILACS
6	2018	Fatores associados à coinfeção por HIV em casos de sífilis adquirida notificados em um Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids no município de São Paulo, 2014	Epidemiol Serv. Saude	SciELO
7	2019	Retrato do comportamento de risco dos Conscritos do Exército brasileiro à infecção pelo HIV por macrorregiões brasileiras, 2016	Rev bras epidemiol	SciELO
8	2019	Conhecimento sobre HIV/aids entre HSH no Brasil: um desafio para as políticas públicas	Rev bras epidemiol	SciELO
9	2016	O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários	Ciência & Saúde Coletiva	SciELO
10	2015	Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática	Ciência & Saúde Coletiva	SciELO
11	2015	Doenças sexualmente transmissíveis atendidas em unidade primária de saúde no Nordeste do Brasil	Cad. Saúde Colet.	SciELO
12	2015	Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis	Acta Paul Enferm.	SciELO
13	2018	Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade	Cad. Saúde Pública	SciELO

Fonte: Elaboração própria (2020)

No intuito de identificar quais grupos estão mais vulneráveis a IST, optou-se por trazer os achados extraídos a partir da análise, organizando-os de acordo com a base de dados em que as produções foram localizadas, culminando-se com o consolidado dos resultados e a identificação do grupo mais vulnerável.

Na LILACS, das cinco produções encontradas, pode-se perceber que o grupo que apresentou maior vulnerabilidade foi o grupo dos universitários, optou-se por permanecer com essa nomenclatura, pois era a nomenclatura que os estudos utilizaram, conforme demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 – População Vulnerável às IST (LILACS)



Fonte: Elaboração própria (2020)

Conforme apresentado no gráfico acima, considerando as produções encontradas na LILACS, ressalta-se que são todas do ano de 2020, há um paralelo entre a porcentagem de homens, mulheres e adolescentes, quanto a vulnerabilidade para IST. Ambos são equivalentes à 20%.

Souza *et al* (2020) traz em estudo realizado com homens que o uso do preservativo nas relações sexuais torna-se menos comum entre homens que mantem relacionamentos fixos. O estudo ainda traz que o uso de álcool ou drogas interfere no uso do preservativo durante as relações sexuais e que a maior parte relata nunca os

usar. Em continuidade, o estudo ainda revela que esses homens desconhecem o preservativo feminino.

Corroborando com o autor acima, os homens tornam-se vulneráveis por uma série de fatores. Dentre eles, o não uso do preservativo em suas relações sexuais; homens que iniciam suas vidas sexuais em muitos casos com profissionais do sexo; o uso excessivo de bebidas, levando a uma série de riscos, dentre elas as relações sexuais desprotegidas; e dentre as relações conjugais estáveis, encontra-se o excesso de confiança que se deposita no parceiro para manter relações sexuais sem o uso de métodos de barreira, o que os tornam grupo vulnerável.

As mulheres também tornam-se um grupo vulnerável para a aquisição de uma IST devido ao perfil epidemiológico ter mudado nos últimos anos. Um dos fatores para a feminilização da AIDS e outras IST é devido a contaminação está acontecendo nos grupos que mantem relações heterossexuais. O grupo feminino, em sua maior parte torna-se submisso em suas relações sexuais e acabam por não fazer uso dos métodos de barreira, em muitos casos os parceiros acabam responsabilizando-as por sua saúde sexual, como também as do seu parceiro. Outro dado relevante sobre o grupo analisado é a baixa escolaridade e a falta de informação sobre os meios de prevenção das IST para o grupo das mulheres (SAMPAIO *et al*, 2011).

De acordo com o autor acima citado, o grupo das mulheres tornam-se vulnerável a aquisição de IST-AIDS devido as questões citadas acima, mas não só por isso. O início da vida sexual de forma precoce é um dos principais motivos para esse risco, associado a outros fatores, como por exemplo, a falta de informação sobre os meios de prevenção das IST à falta de conhecimento sobre o próprio corpo. Um dado também importante de ser citado e que favorece não só o grupo feminino, mas como toda a população, é a questão dos múltiplos parceiros em suas relações sexuais.

De acordo com Sales *et al* (2016), o grupo dos adolescentes é apontado como o mais susceptível à aquisição de uma IST devido as relações entre os adolescentes se darem de forma precoce. Outro fator pertinente é que esses grupos, em muitas ocasiões, mantem relações sexuais com múltiplos parceiros, seja sem o uso do preservativo ou essas relações sexuais dadas através do uso de álcool/e ou drogas, tornando esse grupo vulnerável.

Na contemporaneidade, essa realidade trazida no estudo é muito comum no Brasil. Principalmente para a população mais carente, pois, muitas vezes, esse grupo

não tem muitas oportunidades de ter acesso à educação de qualidade. A falta de letramento no que concerne as pautas de prevenção às IST levam, portanto, a essa população a iniciar sua vida sexual de forma precoce.

Sem conhecimento necessário para identificar anormalidades no seu corpo, esses adolescentes enfrentam uma série de dificuldades e preconceitos, tanto no que diz respeito à prevenção quanto ao tratamento dessas IST. Muitas vezes, esse grupo deixa de procurar atendimento médico para diagnosticar e tratar de forma precoce essas IST por medo de sofrer algum tipo de preconceito ou discriminação.

Quanto a idosos e crianças, tais grupos não aparecem no recorte de produções da referida plataforma como sendo vulneráveis. Isso não significa que tais grupos não sejam susceptíveis, se consideradas, inclusive, as diversas formas de transmissão de tais infecções. Acredita-se que o enfoque ou viés utilizados pelos autores das publicações em questão, não alcançaram os extremos de faixa etária.

Andrade *et al* (2017) afirma que, quanto aos idosos, o perfil epidemiológico e o a atividade sexual dessa população tem se mantido ativa por mais tempo, deixando esse grupo vulnerável a adquirir alguma IST. O referido autor ainda traz que idosos maiores de 74 anos, ainda se mantem ativos, com predominância no grupo masculino. Quanto à prevalência de IST, esta foi maior no grupo feminino, que em sua maioria, referiu ter parceiro fixo.

Os recentes estudos realizados com idosos tem mostrado uma longevidade sexual para esse grupo, tornando-os cada vez mais ativos. Uma das dificuldades de promoção prevenção e acolhimento dessa população para a prevenção das IST é devido a população dos idosos não procurarem a rede de APS para prevenir, tratar e cuidar das IST.

Corroborando com Andrade *et al* (2017), os idosos, por historicamente não ter conhecimento sobre as IST, necessita de orientações específicas para a prática das relações sexuais de forma segura. Ainda nesse contexto por se tratar de um grupo de terceira idade, identifica-se uma necessidade maior de acolhimento e informação de forma clara, objetivando que o idoso ponha em pratica todas as orientações que o profissional lhe repassou, possibilitando uma pratica segura de relações sexuais para esse grupo.

Em relação ao grupo infantil à vulnerabilidade as IST em crianças são consideradas baixas e relativas as exposições e ao ambiente em que essas crianças são expostas. Muitas se tornam vulneráveis por serem vítimas de abuso sexual, onde

o seu abusador pode ter uma IST e conseqüentemente transmitir para a vítima (COTRIM *et al*, 2013).

Conforme afirma Cotrim (2013), as crianças não são consideradas um dos grupos mais vulneráveis e predisposto a aquisição de uma IST, mas não é um grupo que está totalmente livre de desenvolver uma das patologias ligadas a infecções causadas por atos sexuais. A criança tanto pode adquirir uma IST através de contaminação transversal, quando é passada de mãe para feto, como pode adquirir através de um abuso sexual em situações onde o agressor tem a patologia e transmite para a vítima através do ato sexual forçado. Como também em casos bem menos comuns, essas crianças podem se contaminar através de transfusões de sangue, quando o sangue de uma pessoa contaminada entra em contato com a corrente sanguínea do paciente, desenvolvendo assim uma IST.

Quanto aos Universitários, observou-se nas produções localizadas na referida plataforma, que 40% estão vulneráveis. Araújo *et al* (2020) relata que a vida sexual dos universitários se inicia ainda na adolescência, essa idade média para a primeira relação sexual é de 15 anos. As mulheres costumam iniciar sua vida sexual com pessoas que tenham envolvimento afetivo, já a população dos homens procura ter sua primeira relação com parceiras eventuais, mantendo esse grupo vulnerável. O estudo se dá através de uma pesquisa realizada com universitárias onde 56% afirmam ter relações sexuais ativas, 57,7% afirmam namorar e manter relações sexuais com um único parceiro, a maioria referiu usar apenas pílula e não a camisinha como método de prevenção. É importante ressaltar que 32,5% desta população refere fazer sexo com parceiros casuais.

Corroborando com os autores supracitados, os universitários tornam-se um dos grupos mais vulneráveis e susceptível a aquisição de uma IST, por ser um grupo geralmente composto por jovens, onde iniciaram sua vida sexual ainda na adolescência, são pessoas geralmente recém-chegados em universidades, o que favorece as relações casuais protegidas ou desprotegidas deixando esse grupo vulnerável. Geralmente esse grupo está iniciando sua vida adulta e é o período onde começam a receber informações mais contundentes sobre as formas de transmissão das IST. Porém, em muitos casos os universitários não estão prontos ou dispostos a colocar em prática as informações passadas pelos profissionais de saúde, uma vez que já iniciaram sua vida sexual.

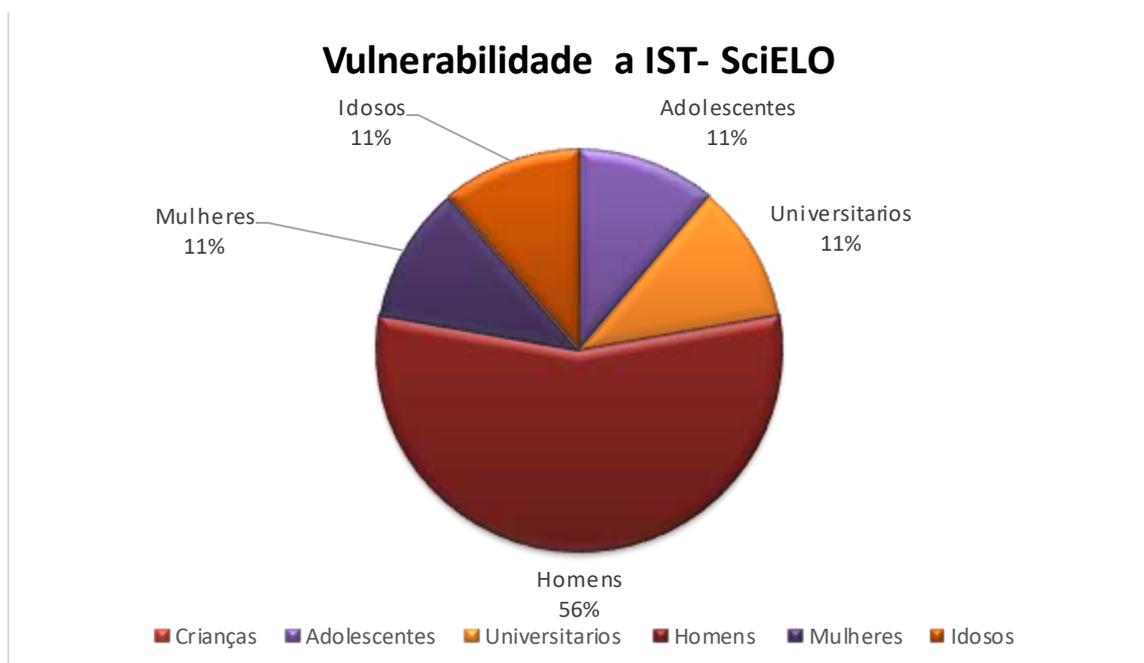
Chama a atenção, um grupo que inicialmente não se esperava que aparecesse com tanta ênfase. Nas produções oriundas da LILACS, 40% dos universitários aparecem como vulneráveis a contraírem IST. Sabe-se que o público que compõe esse grupo é predominantemente jovem e considerando-se a cultura do contexto atual, geralmente tal grupo, tem vida sexual ativa.

Farias *et al* (2020) ainda traz que o perfil socioeconômico da família e dos universitários estão interligados. O estudo ressalta que as formas de se relacionar estão interligadas como o meio em que estão se inserindo, ou seja, as universidades. O estudo ainda traz que a idade onde acontece com maior incidência as contaminações por IST, são os universitários com idade inferior a 25 anos.

O referido estudo acima citado, só reforça o que já foi falado e discutido. Os universitários tornam-se vulneráveis por dar início a vida sexual de forma precoce; isso se dá pelo fato de que ao ingressar nas universidades, irão se deparar com novas pessoas, novos costumes, novas rotinas, novos ciclos de amizades e isso os torna um grupo vulnerável e susceptível à aquisição de IST.

Já na SciELO, das oito produções utilizadas, pode-se apreender que o grupo que apresentou maior vulnerabilidade foi o grupo dos homens, conforme demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2 – População Vulnerável às IST (SciELO)



Fonte: Elaboração própria (2020)

Conforme apresentado no gráfico acima, considerando as produções encontradas na SciELO, foram extraídos trabalhos dos anos de 2015, 2016, 2018 e 2019. Há equivalência entre a porcentagem de mulheres, idosos, adolescentes e universitários quanto a vulnerabilidade para IST, esses grupos apresentam um percentual de 11%.

O número de IST vem crescendo nos últimos anos. Dentre os índices e o grupo que vem crescendo, destaca-se o grupo das mulheres, muitas vezes essas mulheres estão vulneráveis por desconhecer os sinais e sintomas das IST e suas formas de prevenção, em muitos casos se dá pelo constrangimento de falar sobre o problema que as acomete, além das relações desprotegidas com ou sem parceiros fixos (RUFINO *et al*, 2016).

Corroborando com os autores acima citados, algumas mulheres têm por convenções e costumes históricos serem submissas aos homens em suas formas de se relacionarem. Ainda há mulheres que podem ser representadas pela a figura que cuida do lar e procria. A infidelidade conjugal predominante nos homens, aliada a prática de sexo desprotegido fora do casamento, se torna um fator de risco importante para as esposas, que se mantem casadas, devido a submissão e ao preconceito em relação as mulheres que optassem por se separarem dos esposos. Contudo, há mulheres que vivem as formas livres de se relacionar com múltiplos parceiros, a trelada a falta do uso do preservativo, seja ele por escolha, desinformação ou submissão aos parceiros o que torna esse grupo muito exposto e vulnerável.

Ferreira (2019) relata que a faixa etária das pessoas no Brasil tem aumentado elevando assim o número de idosos que compõe a população Brasileira. Com o aumento da faixa etária também aumentaram a faixa etária da população exposta à essas IST. A terceira idade se dá através de mudanças fisiológicas e hormonais, com o avanço da ciência e das tecnologias, aumentaram o número de idosos que redescobriram o prazer em suas relações sexuais.

Mediante ao que já foi exposto pelo autor, percebe-se que vem o aumento a vulnerabilidade desse grupo quanto às IST. Diante dessa exposição, podem-se destacar alguns fatores, como por exemplo: o baixo conhecimento sobre as formas de contágio das IST, que se dá pela educação reprimida dessa população, a dificuldade de conversar sobre sexo, entre outras, como por exemplo o sexo desprotegido dessa população.

Quanto aos adolescentes, Spindola *et al* (2017), traz no seu estudo que a adolescência é um momento de descoberta sexual. Ele diz que o grupo se torna vulnerável não por sua idade, mas por suas condutas sexuais. O estudo ainda relata que muitos adolescentes dizem desconhecer as informações sobre as IST e relatam que a falta de diálogo e informação para a prevenção são um dos principais fatores para a não adoção das medidas de prevenção nas suas relações sexuais.

O estudo citado acima traz uma difícil realidade para a adoção de promoção, prevenção e tratamento dessas IST. Os adolescentes enfrentam uma série de preconceitos e dificuldades durante a sua descoberta sexual, vai desde a informação que muitas vezes não é repassada de forma clara, em muitos casos os adolescentes não procuram a APS para realizar o acompanhamento de sua saúde sexual. Sabe-se que o início das relações sexuais desse grupo se dá, em muitos casos de forma abrupta e precoce, impedindo que os adolescentes antes de iniciarem suas relações sexuais procurem atendimento profissional para as orientações e prevenções das IST os tornando assim, grupo vulnerável.

Freitas *et al* (2019), relata que o número de IST entre a população jovem vem crescendo. Nos últimos dez anos quase metade da população que foi notificada com alguma IST, eram jovens, entre dezoito e vinte e quatro anos. Esses dados se dão devido as relações com múltiplos parceiros, o uso de álcool e outras drogas e a não adesão ao uso do preservativo durante as relações sexuais, tornando-os assim grupo vulnerável para a aquisição de doenças oriundas das relações sexuais desprotegidas, como também de gravidez indesejada. A vulnerabilidade dos jovens mesmo diante das informações sobre as IST e suas formas de prevenção se dá pelo fato dos universitários não se protegerem em suas relações sexuais.

Corroborando com o autor supracitado, sabe-se que o ambiente das universidades, onde predomina o público jovem, favorece a fluidez das relações interpessoais, novos círculos de amizade se formam, impondo a necessidade de pertencimento. A ideia de liberdade sexual predomina e a não adesão ao sexo com proteção, expõe esse grupo a vulnerabilidade para as infecções com via de transmissão sexual.

Quanto ao grupo das crianças, elas não aparecem como grupo vulnerável nos estudos selecionados da referida plataforma. Isso não significa que esta população não seja susceptível, se consideradas, inclusive, as diversas formas de transmissão

de tais infecções. Acredita-se que o enfoque dos autores e os meios de pesquisa não alcançaram o grupo das crianças.

Ribas *et al* (2011) traz que não é realizado muitos estudos sobre a vulnerabilidade as IST sob o grupo das crianças, é mais recorrente nos estudos a abordagem das IST no contexto do abuso sexual. O estudo aponta que as IST podem acontecer em decorrência de transmissão congênita, transmissão perinatal ou em casos mais raros, através de contato com resíduos orgânicos de pessoas contaminadas.

As crianças, como já foi visto através de discussões e análise de artigos, não compõe um grupo com alta taxa de vulnerabilidade a essas patologias oriundas das relações sexuais. As crianças tornam-se grupo de risco quando são expostas a pessoas com alguma IST, como é o caso da patologia mais grave, até hoje e sem cura a AIDS. As crianças podem adquirir IST desde quando está sendo gerada, como através do aleitamento materno.

Rocha *et al* (2013) relata uma incidência de casos de IST no grupo dos homens, por consequência de seu comportamento sexual, sua alta taxa de troca de parceiros e a falta do uso do preservativo nas relações sexuais. Um dos motivos para o grupo afirmar não usar preservativo nas relações sexuais, foi está em um relacionamento sério, ser casado ou ter parceiro fixo, o que os tornam ainda mais vulneráveis, visto que, dentro dessas relações pode haver relações extraconjugais, o que deixa o grupo extremamente exposto e vulnerável as inúmeras IST existentes.

Com base nas afirmações do autor acima citado, depreende-se que o perigo existe em toda e qualquer relação sexual desprotegida. O fato de não haver o uso do preservativo durante o ato sexual é imprudente; além disso, outro fator relevante para o alto número de IST em homens, é a forma como geralmente ocorre o início da vida sexual que geralmente se dão através de profissionais do sexo ou de relações desprotegidas. Diante do que já foi exposto, deve-se adotar medidas de promoção e prevenção para as práticas sexuais seguras para este público, visto que a incidência de casos é grande nessa população, conforme demonstram os dados apresentados.

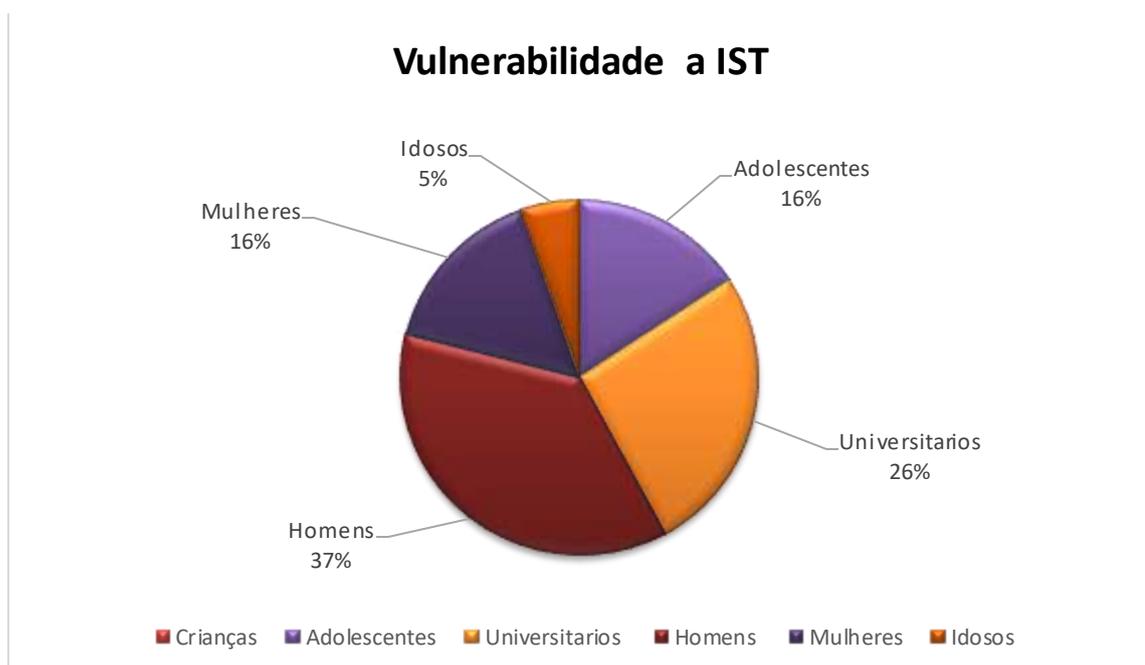
Pereira *et al* (2020) revela que o adoecimento da população masculina se torna mais grave visto que a população masculina posterga e tem mais dificuldade em procurar o serviço de saúde. Outro ponto relevante a se falar, é que o estudo mostra que o homem antes de procurar o serviço de saúde, tentam tratamentos alternativos

para curar a patologia, impedindo assim que a cadeia de transmissão das IST seja quebrada, trazendo prejuízos a saúde a longo prazo.

Concordado com os autores mencionados, a resistência por parte dos homens em procurar os serviços de para o diagnóstico e tratamento das IST, aumenta significativamente a sua vulnerabilidade, inclusive, pela possibilidade de continuar transmitindo as infecções. Os homens em sua maioria, tem dificuldades para procurar atendimento em saúde, principalmente quando se refere a APS, seja por tabu ou até mesmo a dificuldade de acesso a uma UBS.

Cruzando os dados das duas plataformas selecionadas, que foram a LILACS e a SciELO, e dos treze artigos selecionados para análise e discussões deste estudo, foi identificado que o grupo mais vulnerável para adquirir uma IST, foi o grupo dos homens, conforme demonstra o gráfico 3.

Gráfico 3 – População Vulnerável às IST



Fonte: Elaboração própria (2020)

De acordo com o gráfico apresentado acima, foram extraídos trabalhos dos anos de 2015, 2016, 2018, 2019 e 2020, através das plataformas LILACS e SciELO. O gráfico apresenta uma porcentagem entre mulheres e adolescentes, quanto a vulnerabilidade para adquirir uma IST de forma equivalente com um percentual de 16%.

O número de novos casos por HIV/AIDS e outras IST no Brasil, tem crescido nos últimos anos, quanto a sua taxa de contaminação. O grupo feminino vem ganhando velocidade no número de casos notificado. Essa velocidade se dá por vários fatores; acredita-se que os fatores socioculturais, ou seja, as formas como as pessoas se relacionam tem grande influência. Outro aspecto a ser considerado, é que grande parte dos novos casos de IST, correm em pessoas que mantem relações conjugais estáveis, modificando assim o seu cenário epidemiológico, não restringindo as doenças à apenas grupos sociais considerados profanos. O estudo ainda traz, que as mulheres, muitas vezes, se colocam em risco por negociar as formas de ter relações sexuais, associando a confiança que tem em seus parceiros e a fidelidade como proteção para um sexo seguro. (RUFINO *et al*, 2016)

Em consonância com os autores apontados, a forma das mulheres se relacionarem tem mudado muito nos últimos anos. Isso porque uma série de fatores e conquistas foram adquiridas, tais como: a liberdade para se relacionar e a idade em que essas mulheres iniciam sua vida sexual. Nesse sentido, há mulheres que se relacionam com múltiplos parceiros, geralmente essas relações acontecem sem o uso do preservativo, em muitos casos, as IST adentram as relações conjugais, por meio das relações extraconjugais, em sua maioria realizada por homens. As relações extraconjugais existem e precisam ser trabalhadas para que sirva como alerta para que população feminina se proteja. As mulheres precisam de mais informações sobre o sexo seguro, como se impor mediante situações de exposição a uma IST.

Quanto a questão dos adolescentes apresentada no gráfico, Amoras, Campos e Beserra (2015), relatam que a adolescência é uma fase difícil. É a fase onde acontece as mudanças físicas, emocionais e psicossociais, onde o adolescente passa por transformações e conflitos, e onde descobrem sua sexualidade e começa a conhecer o seu corpo e a busca por prazer na sexualidade, para satisfazer seus instintos hormonais.

Tais autores afirmam ainda que, essa busca por satisfação e prazer nas relações sexuais, os tornam vulneráveis por não haver políticas públicas voltadas para a educação sexual desses adolescentes, impedindo assim a promoção da saúde desse grupo. Outro fator relevante se dá pelo início da vida sexual de forma precoce, e as relações sexuais desprotegidas, que estão ligadas a falta de educação sexual para esse público (AMORAS, CAMPOS E BESERRA, 2015).

Corroborando com as afirmações supracitadas, a adolescência é por si só, um fator preocupante; é a fase em que se está descobrindo e se desenvolvendo fisicamente e mentalmente. O início das relações sexuais nesse grupo se dá, muitas vezes de forma inadequada, sem o uso de preservativo, os deixando vulneráveis tanto para aquisição de uma IST, contaminação por o vírus da AIDS, ou uma possível gravidez indesejada. Quanto ao grupo dos universitários, após análise de todos os trabalhos extraídos das plataformas, obteve-se um percentual de 26% de vulnerabilidade para a aquisição de uma IST

O grupo dos universitários é composto por uma série de novas mudanças, comportamentais, onde eles vão começar a vivenciar praticas que antes eram proibidas ou impostas por seu círculo familiar, dentre elas as relações sexuais. Pesquisas apontam condutas negativas com relação a saúde dessa população, muitos estudos trazem as relações desprotegidas e o alto índice de parceiros sexuais como agravos e condicionantes a suscetibilidade dessa população as IST. Os jovens vivenciam novas experiências, novos círculos de amizade e amadurecimento durante o período da universidade, onde nesse período, ocorre os maiores índices de relações casuais desprotegidas (FONTE *et al*, 2018).

Concordando com os autores citados, os universitários iniciam sua vida acadêmica ainda muito jovens, quando ainda estão passando por transformações e formação do seu caráter. É nessa fase, principalmente que os universitários ficam vulneráveis, pois o seu círculo de amizades e envolvimento amorosos eclodem significativamente. Questões como relações sexuais com múltiplos parceiros e sem proteção, podem favorecer as contaminações e justificam a vulnerabilidade para as infecções sexuais.

O grupo dos idosos, após a análise de todos os estudos, demonstrou um percentual de 5% de suscetibilidade a aquisição de uma IST. O resultado se dá por uma parcela da população idosa ainda se manter sexualmente ativa, podendo assim adquirir ou transmitir uma IST.

De acordo com Lima *et al* (2018), o número de exposição à IST no grupo dos idosos vem crescendo nos últimos anos no Brasil e a incidência se dá pela falta de informação a essa população. Ele relata durante o estudo, a invisibilidade deste grupo para intervenções voltadas a educação sexual dessa população, além da baixa adesão ao uso do preservativo nesse grupo, os tomando assim, vulneráveis.

Corroborando com as afirmações dos autores acima citados, a exposição desse grupo as IST se dão principalmente, devido ao aumento da vitalidade sexual em faixas etárias mais elevadas e possivelmente, em função dos recursos terapêuticos voltados para a sexualidade em vigor atualmente. Essa vitalidade sexual se dá predominantemente no grupo masculino, o que leva a relações extraconjugais, com profissionais do sexo e uma alta exposição as IST e ao vírus da AIDS.

O grupo dos idosos deve ser olhado sob uma nova perspectiva, deve-se promover intervenções voltadas para essa população sob o viés da promoção, prevenção e tratamento dessas IST. As equipes de saúde devem ter um olhar técnico-científico e humano para intervir por meio de práticas interventivas e assistenciais para combater e prevenir as IST nesse grupo.

Quanto ao grupo das crianças, elas não aparecem como grupo vulnerável em nenhum dos estudos selecionados. Acredita-se que o enfoque dos autores e os meios de pesquisa não alcançaram o grupo das crianças. As possíveis justificativas para essa ausência de registros quanto a vulnerabilidade de crianças para IST já foram pontuadas anteriormente.

Após o cruzamento dos artigos selecionados nas plataformas utilizadas, foi identificado que a população masculina é a mais vulnerável para aquisição de da IST, totalizando 37% de todo o corpo amostral.

Em um estudo realizado por Luppi *et al* (2018), para verificar incidência de reinfecção por HIV e casos de sífilis, o grupo que mais se destacou foi o grupo masculino com faixa etária entre 25-34 anos, com ensino superior completo, de raça autodeclarada branca e que mantinham relações com múltiplas parceiras.

Damacena *et al* (2019) relata que de acordo com dados colhidos do último boletim epidemiológico HIV/AIDS mostra que o número de detecção no número de novos casos cresceu entre os homens. Dentre os fatores associados ao aumento expressivo de novos casos se dá por o número expressivo de múltiplos parceiros, relações desprotegidas, consumo de álcool e drogas. O estudo ainda traz que a adesão ao uso do preservativo é baixa, o que os torna ainda mais vulneráveis.

Corroborando com os autores acima citados, a vulnerabilidade masculina para contaminações, estão intrinsicamente relacionadas com a alta taxa de infecções pôr o vírus do HIV e outras IST. Dos estudos analisados no grupo dos homens, os que mostraram maior incidência em contaminação por IST, foram os homens que mantinham relações sexuais com múltiplas parceiras, relações desprotegidas com ou

sem parceiro fixo, relações com profissionais do sexo, o que os tornam o grupo mais vulnerável dentre os estudos selecionados para a composição desse estudo.

A predominância do público masculino para vulnerabilidade a IST revelada nesse estudo, assume proporções multifatoriais. Percebeu-se também, que essa população enfrenta muitas barreiras até chegar ao serviço de saúde, seja por preconceitos, estigmas sociais ou até a dificuldades que enfrentam para chegar até à APS.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que o estudo não mostrou o que originalmente cogitou-se como hipótese – acreditando-se que o grupo das mulheres seria o mais vulnerável. Após a análise da literatura selecionada, foi identificado que o grupo mais vulnerável é o grupo dos homens que, por sua vez, mostrou maior incidência a aquisição de IST. Ainda com dados obtidos na análise, isso se dá por diversos fatores, com destaque para o comportamento sexual dessa população, em que a maior parte pratica sexo desprotegido.

Percebeu-se também que os homens mostram maior incidência e vulnerabilidade para a contaminação por essas IST porque há um entrave quanto à procura dessa população pelos serviços à saúde. Diante desse entrave, os homens procuram tratamentos alternativos para os sinais e sintomas das IST, o que dificulta ainda mais a quebra da cadeia de transmissão dessas patologias. Nesse contexto, as consequências são proporções elevadas do número de portadores, tornando-se, inclusive, um problema de saúde pública.

É necessário reforçar as políticas públicas voltadas especificamente para a saúde do homem, sob o viés da promoção, prevenção, tratamento e cura das IST, objetivando que esse grupo tenha mais responsabilidade com as relações sexuais e que possam realizar sexo com segurança.

Outro ponto relevante, é a implementação do funcionamento das UBS em horário integral, visto que o grupo masculino, historicamente não procura a APS, também por questões trabalhistas, já que o funcionamento das UBS se dá predominantemente durante o horário de expediente da maior parte das profissões

Houve uma dificuldade inicial para selecionar a amostra do estudo visto que há muitos estudos relacionados com o tema em questão onde a maioria não respondia a questão norteadora do estudo em questão.

Espera-se que essa pesquisa traga contribuições para a sociedade e possa colaborar com futuros estudos no âmbito acadêmico, possibilitando responder a outras questões, preenchendo lacunas relacionadas a essa temática nos diversos banco de dados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. de S. *et al.* Saúde sexual e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão integrativa. *Revista nursing*, 2020; 23 (263): 3683-3687.
- AMORAS, B. C. *et al.* Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. *Macapá*, v. 8, n. 1, p. 163-171, jan.-jun. 2015.
- ANDRADE, J. *et al.* Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis. São Paulo. <https://www.scielo.br/pdf/ape/v30n1/1982-0194-ape-30-01-0008.pdf>, 2017.
- ARAÚJO, A. S. de B. de. *et al.* Práticas de cuidado com a saúde sexual de jovens universitárias. *R. pesq.: cuid. fundam. online* 2020. jan./dez. 1215-1220.
- ARAÚJO, M. A. L. *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis atendidas em unidade primária de saúde no Nordeste do Brasil. *Cad. Saúde Colet.*, 2015, Rio de Janeiro, 23 (4): 347-353.
- BANDEIRA, D.M. Etiologias de casos de hepatites agudas e perfil epidemiológico dos casos de hepatite A atendidos no Ambulatório de Hepatites Virais da FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 1997 a 2015. Dissertação (Mestrado em Medicina Tropical) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, 2017.
- BARBOSA, Thiago Luis de Andrade *et al.* Aconselhamento em doenças sexualmente transmissíveis na atenção primária: percepção e prática profissional. *Acta paul. enferm.* São Paulo, v. 28, n. 6, p. 531-538, Dec. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000600531&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 16 Nov. 2020.
- BASTOS, F.I. *et al.* Sinais e sintomas associados às doenças sexualmente transmissíveis no Brasil, 2005. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, supl 1, p.98-108, 2008.
- BEZERRA, E.O. *et al.* Análise da vulnerabilidade sexual de estudantes universitários ao HIV/AIDS. *Revista Rene.*, v.13, n.5, p.1121-1131, 2012.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DA SAÚDE. Doenças Sexualmente Transmissíveis. Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2063-doencas-sexualmente-transmissiveis-dst>>. Acesso em 10 de Maio de 2020.
- BRASIL. Infecções Sexualmente Transmissíveis – Coleção Guia de Referência Rápida. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Saúde, Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. Decreto nº 8.901, de 10 de Novembro de 2016, que Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções de Confiança do Ministério da Saúde, remaneja cargos em comissão e funções gratificadas e substitui cargos em comissão do Grupo Direção e Assessoramento Superiores - DAS por Funções Comissionadas do Poder Executivo - FCPE. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21294097/do1-2016-11-11-decreto-n-8-901-de-10-de-novembro-de-2016-21294039>. Acesso em 10 de Maio de 2020.

CARNEIRO, D. M. Doenças sexualmente transmissíveis em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual atendidas no centro de referência do estado do Pará (dissertação de mestrado). Belém, 2016.

CARVALHO, P. M. R. dos S. *et al.* Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. *Acta Paul Enferm.* 2015; 28(1):95-100.

CASTRO, E. L. de. *et al.* O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(6): 1974-1984, 2016.

COTRIM, J, *et al.* Profilaxia de infecções sexualmente transmissíveis na criança e adolescente vítima de abuso sexual. *Acta Pediatr Port* 2013;44(4):189-95, 2013.

DAMACENA, G. N. *et al.* Retrato do comportamento de risco dos conscritos do Exército brasileiro à infecção pelo HIV por macrorregiões brasileiras, 2016. *REV BRAS EPIDEMIOL* 2019; 22 (SUPPL 1): E190009. supl.1.

DEMETRI, K. Cuidado com a super gonorreia. *Revista Saúde e Conhecimento*, 2018.

FARIA, A.M.V. *et al.* Detecção de *Chlamydia trachomatis* em amostras cervicais através da reação em cadeia da polimerase. *Revista de Iniciação Científica da Ulbra, Canoas*, n.16, p.12-18, 2018.

FARIAS, A. G. da S. *et al.* Perfil sociodemográfico e econômico e Comportamento sexual de brasileiros e estrangeiros Recém-ingressos em uma universidade pública. *R. pesq.: cuid. fundam. online* 2020 jan/dez 12: 779-785.

FERREIRA, F. L. o aumento das infecções sexualmente transmissíveis entre os idosos (monografia). *Manhuaçu*, 2019.

FERREIRA, L.D.S. *et al.* A importância do enfermeiro na prevenção das DST's com ênfase na sífilis na atenção primária. *Revista de Trabalhos Acadêmicos – Universo Belo Horizonte*, v.1, n. 3, 2018.

FONTES, V. R. F. *et al.* Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Rio de Janeiro*, 2018.

FREITAS, J. L. G. *et al.* Prevalência do não uso de preservativo entre universitários e pós-graduandos de uma universidade pública do Norte do Brasil. *Vol.Sup.25*, 2019.

- GUIMARÃES, M. D. C. *et al.* Conhecimento sobre HIV/aids entre HSH no Brasil: um desafio para as políticas públicas. REV BRAS EPIDEMIOL 2019; 22(SUPPL 1): E190005. supl.1.
- LIMA, C. P. *et al.* O perfil de vulnerabilidade entre idosos sexualmente ativos perante as infecções sexualmente transmissíveis. Olinda. Disponível em: <<http://www.adaltech.com.br/anais/medtrop2018/resumos/PDF-eposter-trab-aceito-1729-1.pdf>>, 2018.
- LOTTENBERG, Cláudio. Para curar o corpo e cuidar da alma, uma única medicina. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/coluna-claudio-lottenberg/para-curar-o-corpo-e-cuidar-da-alma-uma-unica-medicina/> <https://veja.abril.com.br/blog/coluna-claudio-lottenberg/para-curar-o-corpo-e-cuidar-da-alma-uma-unica-medicina/>>. Acesso em 9 dez. 2020.
- LUPPI, C. G. *et al.* Fatores associados à coinfeção por HIV em casos de sífilis adquirida notificados em um Centro de Referência de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids no município de São Paulo, 2014. Epidemiol. Serv. Saude, Brasília, 27(1):e20171678, 2018.
- MARTINS, L.B.M. *et al.* Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n.2, p.315-323, 2006.
- MANOLA, C. C. V. Letramento funcional em gestantes: sífilis em gestantes. REVISTA NURSING, 2020; 23 (265) 4193-4198.
- MENDES, K.D.S. *et al.* Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 758-64.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. HIV/Aids, hepatites e outras DST. Cadernos de atenção n18, 2006.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diagnóstico das IST. Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, 2013.
- _____. Boletim Epidemiológico: Sífilis, 2019. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2019.
- _____. Boletim Epidemiológico: Hepatites Virais, 2019. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2019.
- _____. Boletim Epidemiológico: HIV/Aids, 2019. Secretaria de Vigilância em Saúde, 2019.
- NAVES, J. O. S. *et al.* Práticas de atendimento a DST nas farmácias do Distrito Federal, Brasil: um estudo de intervenção. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p.577-586, mar. 2008.

NETO, J. D. *et al.* Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(12): 3853-3864, 2015.

NUNES, I. Infecções Sexualmente Transmissíveis: desafio passado, presente ou futuro. *Revista Acta Obstet Ginecol Port*, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5958:a-cada-dia-ha-1-milhao-de-novos-casos-de-infecoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis&Itemid=812>. Acesso em 10 de Maio de 2020.

PEREIRA, N.B. A importância da orientação de jovens escolares quanto à prevenção de IST. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) - Fundação Educacional de Ituverava, 2019.

PEREIRA, R. M. da S. *et al.* Sífilis em homens: representação social sobre a infecção. *Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 463-476. /feb. 2020.

PEREIRA, N.C.T.; TARSO, P. Estudo epidemiológico de tricomoníase em mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em Porto Velho-RO no período de 2010-2015. *Revista Saber Científico*, Porto Velho, 2018.

PINTO, C.S. AIDS em Mato Grosso do Sul, 1985-2012: A história contada pela epidemiologia. Tese (Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

PINTO, V.M. *et al.* Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil. *Revista Ciênc Saúde Colet*, 2018.

RIBAS, C. B. da R. *et al.* Perfil clínico-epidemiológico das Doenças Sexualmente Transmissíveis em crianças atendidas em um centro de referência na cidade de Manaus, Amazonas, Brasil. *An Bras Dermatol*. 2011;86(1):80-6. 2011.

ROCHA, G. M. *et al.* Sexo anal receptivo desprotegido entre homens que fazem sexo com homens, Belo Horizonte, MG. *Rev Med Minas Gerais* 2013; 23(4): 437-445.

RUFINO, E. C. *et al.* Conhecimento de mulheres sobre ist/aids: intervindo com educação em saúde. *Cienc Cuid Saude* 2016 Jan/Mar; 15(1): 9-16.

SALES, W. B. *et al.* Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. Disponível em; <http://www.scielo.mec.pt/pdf/ref/vserIVn10/serIVn10a03.pdf>. Acessado em 28 nov. 2020.

SAMPAIO, J. *et al.* Ele não Quer com Camisinha e eu Quero me Prevenir: exposição de adolescentes do sexo feminino às DST/aids no semi-árido nordestino. *Revista Saúde Soc.*, São Paulo, v.20, n.1, p.171-181, 2011.

SANTOS, V. M. S. Análise do perfil epidemiológico de crianças expostas ao HIV no Estado de Sergipe entre os anos de 2008-2019. *Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 8594-8618

SEIDL, E.M.F. *et al.* Pessoas vivendo com HIV/AIDS: variáveis associadas à adesão ao tratamento anti-retroviral. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.23. n10, p.2305-2316, 2007.

SILVA, A.M.V. Influência dos polimorfismos nos genes IFNL3 e IFNL4 na resposta virológica sustentada e na produção de citocinas em pacientes brasileiros com Hepatite C crônica tratados com alfapeginterferona. Tese (Doutorado em Biologia Celular e Molecular), Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, B.C.L.; LOPES, W.M. Estigma, discriminação e desafios de pacientes em tratamento no programa municipal IST/Aids na cidade de Imperatriz - MA. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Brasília, 2019.

SMELTZER, S.C.; BARE, B.G. Avaliação e conduta no tratamento das pacientes com problemas relacionados aos processos fisiológicos femininos. IN: BRUNNER & SUDDARTH. *Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica*. 10. ed, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 2006.

SPINDOLA, T. *et al.* Dialogando com estudantes universitários sobre as infecções sexualmente transmissíveis. *Pensando a extensão*, rio de janeiro, n. 24, p. 60-68, jul./dez. 2017.

SOUZA, M.C.P. *et al.* Gender, Women's Vulnerability to HIV/Aids and Preventive Actions at a Neighborhood on the Periphery of Teresina, Piaui, Brazil. *Revista Saúde Soc*, v.17, n.2, p.58-68, 2008.

SOUZA, M.T. *et al.* Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v.8, n.1, 2010.

SOUZA, L. T. de. *et al.* Prevalência do uso do preservativo por trabalhadores da construção civil e fatores associados. *Rev enferm UERJ*, Rio de Janeiro, 2020; 28:e45752

VAZ, J.C. Infecções sexualmente transmissíveis (IST): Análise de dados epidemiológicos entre os anos 2007 e 2017 com enfoque no município de Florianópolis, Santa Catarina. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ZUCHI, E. M. *et al.* Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. *Cad. Saúde Pública* 2018; 34(7):e00206617.

APÊNDICE A - Instrumento De Análise De Dados

INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DADOS							
GRUPOS SOCIAIS VULNERAVEIS A IST							
Platafor ma	Crian ças	Adolesc entes	Universitár ios	Homen s	Mulher es	Idosos	Predomin ância
LILACS	0	1	2	1	1	0	Universitá rios
SciELO	0	1	1	4	1	1	Homens
Analise dos dados	0	2	3	5	2	1	Homens
QUANTIDADE DE TRABALHOS RELEVANTES COM A TEMÁTICA IST							
LILACS			SciELO			TOTAL	
5			8			13	